

Vogais médias pretônicas em Pernambuco: uma análise geossociolinguística

Pretonic mid-vowels in Pernambuco: a geosociolinguistic analysis

Vocales medias pretónicas en Pernambuco: un análisis geossociolingüístico

Edmilson José de Sá
Universidade de Pernambuco (UPE)

Resumo

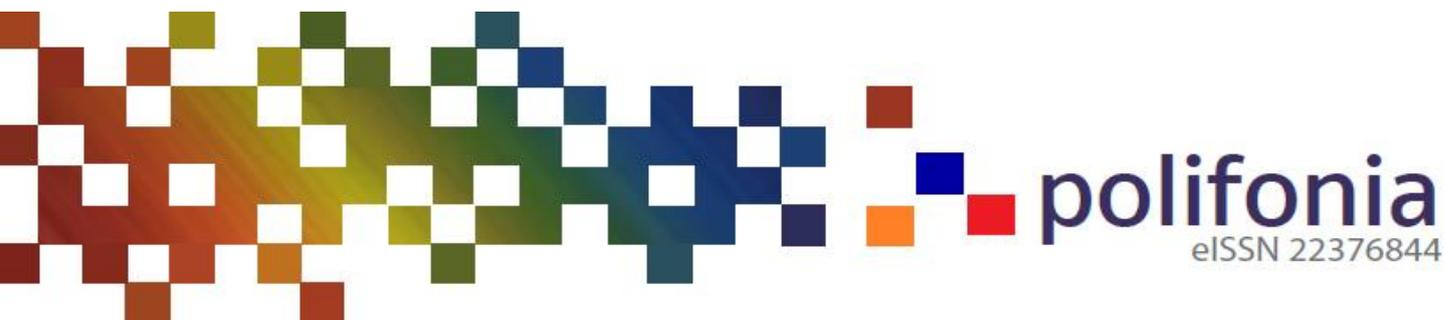
Este artigo apresenta uma descrição geossociolinguística baseada na variação fonética proferida por falantes de vinte municípios pernambucanos a fim de apresentar o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, com base em um *corpus* selecionado dos dados do Atlas Linguístico de Pernambuco – ALiPE (SÁ, 2013). Para a análise foram aproveitadas 1619 ocorrências, abrangendo 828 variantes de palavras com a pretônica anterior e 791 com a posterior, registradas nas respostas do questionário aplicado a 84 pessoas, sendo quatro de cada um dos vinte municípios selecionados. Pautando-se na perspectiva espacial, percebeu-se que o alteamento das vogais médias anterior e posterior em posição pretônica no Estado constitui marca dialetal, enquanto as variantes, [e], [ɛ], [o] e [ɔ] se distribuíram nos municípios isolados. Considerando as dimensões linguísticas, verificou-se que a harmonia decorrente da vogal tônica com mesmo grau de altura da pretônica é mais evidente que a redução vocálica. Concernente às questões extralinguísticas, os resultados evidenciam o homem mais jovem como mais conservador no que diz respeito ao uso das vogais médias.

Palavras-chave: Pretônicas. Variação Geossociolinguística. ALiPE

Abstract

This paper presents a geosociolinguistic description based on the phonetic variation given by twenty speakers from Pernambuco in order to show a description about the behavior of the pretonic mid-vowels /e/ and /o/, based on a *corpus* selected from the Atlas Linguistic de Pernambuco - ALiPE (SÁ, 2013)'s data. For the analysis, 1619 occurrences were used, covering 828 variants with the front pretonic vowel 791 with the back one, recorded in the answers to the questionnaire applied to 84 people, being four from each of the twenty selected towns. Based on the spatial perspective, it was noticed that the rising of the anterior and posterior mid-vowels in pretonic position at the State is considered a dialectical mark, while the variants [e], [ɛ], [o] and [ɔ] are distributed at isolated cities. Considering the linguistic dimensions, it was verified that the harmony resulting from the tonic vowel with the same pretonic height degree is more evident than the vowel reduction. Concerning the extralinguistic issues, the results evidence that the younger man as more conservative regarding the use of mid-vowels.

Keywords: Pretonic. Geosociolinguistic variation. ALiPE



Resumen

Este artículo presenta una descripción geosociolingüística a partir de la variación fonética emitida por hablantes de veinte municipios de Pernambuco para presentar el comportamiento de las vocales medias pretónicas /e/ y /o/, a partir de un corpus seleccionado de datos del Atlas Lingüístico de Pernambuco – ALiPE (SÁ, 2013). Para el análisis se utilizaron 1619 ocurrencias, cubriendo 828 variantes de palabras con el pretónico anterior y 791 con el posterior, registradas en las respuestas del cuestionario aplicado a 84 personas, cuatro de cada uno de los veinte municipios seleccionados. Con base en la perspectiva espacial, se observó que el realce de las vocales medias anteriores y posteriores en posición pretónica en el Estado constituye una marca dialectal, mientras que las variantes, [e], [ɛ], [o] y [ɔ] se distribuyeron en los condados aislados. Considerando las dimensiones lingüísticas, se verificó que la armonía resultante de la vocal tónica con el mismo tono que la pretónica es más evidente que la reducción vocálica. En cuanto a las cuestiones extralingüísticas, los resultados muestran que el joven es más conservador en el uso de las vocales medias.

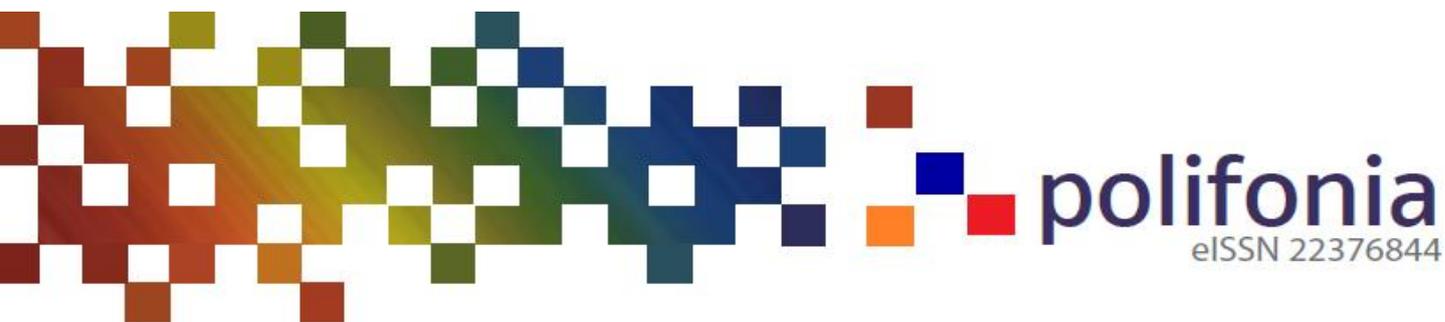
Palabras clave: Pretónico. Variación geosociolingüística. ALiPE.

Introdução

Estudos sobre as vogais pretônicas ainda são embrionários em Pernambuco, a despeito de alguns trabalhos restritos a *corpora* coletados na capital e de pesquisas realizadas em municípios. As análises discutem a variação desses grupos fonéticos sob a égide da Sociolinguística, mas não exploram a variação espacial ou diatópica, de que trata a Geolinguística.

Sentindo essa carência, este artigo apresenta uma discussão sobre o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, usando o banco de dados do *Atlas Lingüístico de Pernambuco – ALiPE* (SÁ, 2013), para o qual foram realizados inquéritos em vinte municípios, distribuídos horizontalmente entre Afrânio e Recife e verticalmente entre São José do Egito e Tacaratu, contemplando, assim, diferentes regiões do estado.

A partir dos registros catalogados nos pontos de inquérito, será realizada a análise fonética, por meio da qual serão vislumbrados os aspectos que influenciaram na variação dos segmentos vocálicos. Em seguida, proceder-se-á à análise geossociolingüística, para que sejam delineados os limites espaciais estabelecidos na distribuição dos fenômenos catalogados e as restrições sociais que interferiram na distribuição dos fenômenos.



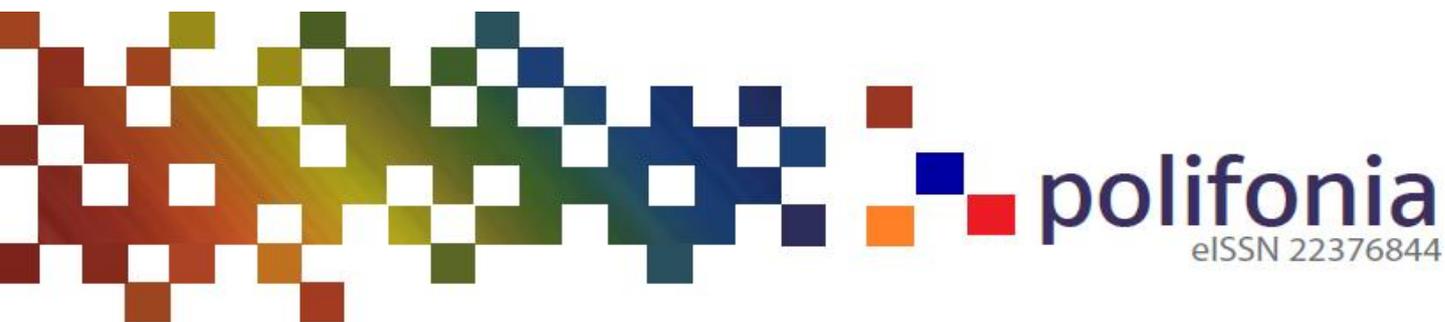
Com a análise concluída, espera-se ratificar a ideia de Nascentes (1953) de que a variação das vogais pretônicas serve como parâmetro para delimitar marcas dialetais do Português Brasileiro, considerando os falares do norte do país com o predomínio das vogais médias abertas, em detrimento das realizações das vogais médias fechadas do sul do país.

Para tanto, serão apresentados os estudos já realizados pelos pesquisadores: Bisol (1981), Callou e Leite (1986), Carneiro e Magalhães (2009), Célia (2004), Freitas (2001), Graebin (2008), Maia (1986), Marchi e Stein (2007), Rodrigues e Araújo (2007), Silva (1992) e Tenani e Silveira (2008).

Assim, este estudo está dividido em três seções: *in limine* será apresentado um estado da arte acerca das vogais pretônicas em pesquisas realizadas em diferentes estados brasileiros. Em seguida, para situar a proposta de análise, será proporcionado um panorama da Geolinguística e o Atlas Linguístico de Pernambuco – ALiPE (SÁ, 2013), de onde foi extraído o *corpus* e de que repertório lexical se descreveu, na seção seguinte, o comportamento das vogais pretônicas junto às dimensões linguísticas e não linguísticas. Durante a conclusão do estudo, será confirmado se os dados registrados em Pernambuco comungam do mesmo comportamento do que fora averiguado em outros estados e que contextos linguísticos e extralinguísticos contribuem para a variação da vogal média no Estado.

1. Língua e dialeto: uma fundamentação teórica para o entendimento sobre a Dialetoлогия e a Geolinguística

Antes de tratar da relevância dos trabalhos de descrição linguística no Brasil à luz da Geolinguística, delimitando, em seguida, para o projeto sobre o falar pernambucano, de cujo corpus foram retirados os dados para o trabalho em tela, convém deixar claros alguns conceitos básicos, já que a pretensão, aqui, é o estudo de um fenômeno linguístico.



Assim, parte-se, inicialmente, das concepções de língua, fala e dialeto. Sobre a língua, Saussure (1986), a insere num plano abstrato de signos inter-relacionados numa perspectiva não apenas social, mas também de ordem psíquica. Para ele,

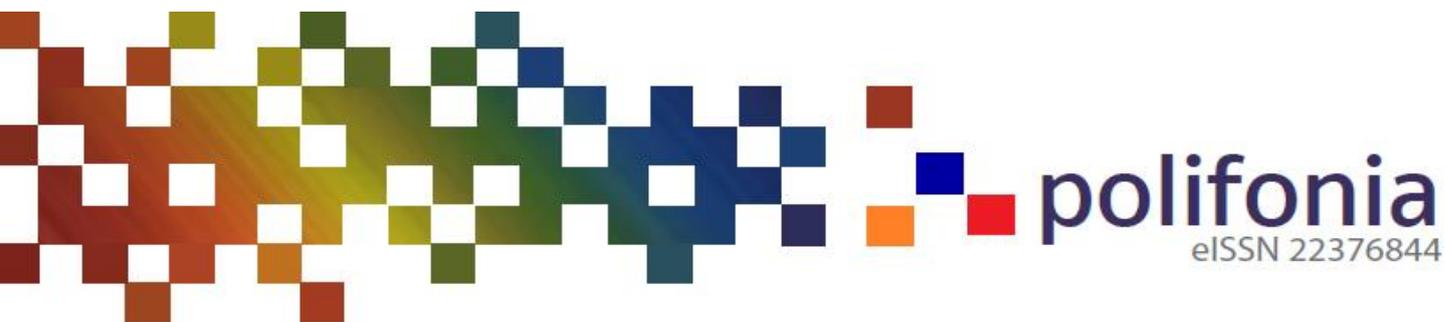
[...] a língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independe da vontade dos depositários (SAUSSURE, 1986, p. 27).

Na perspectiva saussuriana, a concretização da língua cabe à fala, sendo essas duas, portanto, interdependentes, graças à ligação que detêm. Logo, a língua é necessária para que a fala seja compreendida. Além disso, é através da língua que se expõe a cultura de um povo, o que a torna variável, pois permite o falante discorrer sobre a mesma coisa, usando sotaques diferentes, motivados tanto pela própria estrutura da língua, como por questões puramente extralinguísticas.

Pelo viés extralinguístico se encaixam os fatores sociais de que faz parte a diversidade dialetal, cujo caráter geográfico se manifesta sob a égide de Coseriu (1986), quando menciona que:

Um dialeto é um sistema de isoglossas de uma região, delimitada em função de critérios puramente convencionais (embora objetivos), ou seja, tendo em conta apenas certos fenômenos característicos. O número de dialetos em um sistema linguístico, portanto, pode variar segundo os fenômenos e as regiões que são considerados (COSERIU, 1986, p. 27).

Conscientes da importância de se estudar os dialetos, apenas no final do século XVIII começaram surgir os primeiros trabalhos referentes à variação geográfica, cuja investigação é chamada por Weinreich (1954, p. 390) de ‘dialetologia’, porque trata de problemas que surgem quando sistemas diferentes são tratados juntos por causa de sua semelhança parcial. Daí a necessidade de se criar um método apropriado para verificar as



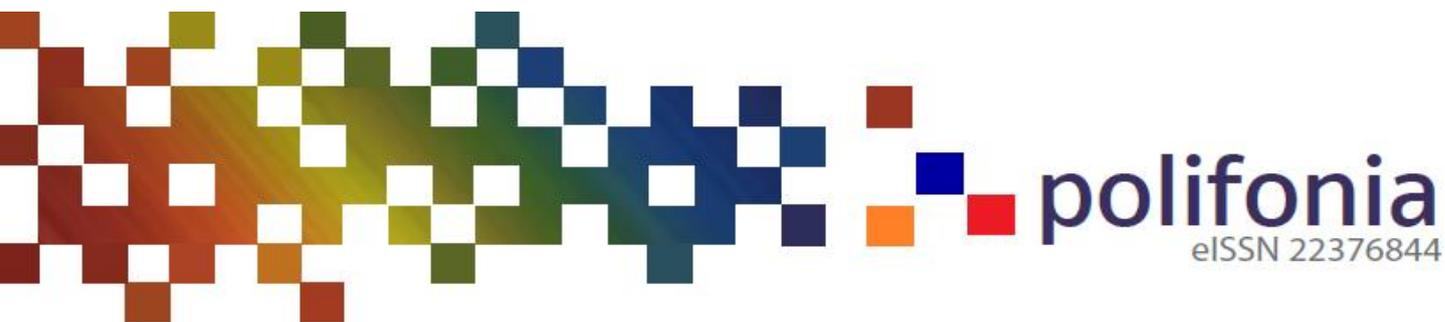
semelhanças parciais entre as variedades linguísticas tanto de cunho fonético, quanto léxico ou morfossintático.

Já que, para Meillet (1929, p. 200), ‘não há nenhuma história da língua sem uma dialetologia’, para ele, a história da língua não se confirma ‘sem uma geografia linguística completa e bem sucedida’. Logo, a partir da cartografia, constroem-se mapas linguísticos ou cartas linguísticas, cujas legendas apresentam fenômenos característicos de um determinado espaço territorial.

Os primeiros documentos envolvendo o método da Geografia Linguística ou Geolinguística surgiram em meados do século XIX com uma descrição monodimensional. Assim, o interesse apenas pela variante regional prevaleceu até o ano 2000, quando da criação do *Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai* (ADDU), por Thun e Elizaincín (2000), em que os autores inseriram elementos sociolinguísticos dos falantes pesquisados às cartas, conferindo-lhes, assim, o caráter pluridimensional, pois através do método da Geolinguística Pluridimensional, ‘é possível visualizar o grau e o modo de variação do fenômeno, fornecendo argumentos mais consistentes para as conclusões, como afirma Margotti (2008, p. 09).

O primeiro trabalho brasileiro de natureza dialetal à luz da Geolinguística foi elaborado por Nelson Rossi em 1963, o qual ele nomeou de *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*. A partir daí, outros passaram a sair da mente de linguistas brasileiros e têm servido de base para outros ainda em fase de elaboração.

Foram construídos, então, os atlas linguísticos de Minas Gerais (EALMG – 1977), da Paraíba (ALPB – 1984), de Sergipe (ALSE – 1987), do Paraná (ALPR – 1994), da Região Sul (ALERS – 2002), de Sergipe – II (ALSE II – 2005), o sonoro do Pará (ALISPA – 2004), do Amazonas (2004), do Paraná – II, do Mato Grosso do Sul (ALMS – 2007), do Ceará (ALECE – 2010), de Goiás (ALIGO – 2012), de Pernambuco (ALiPE – 2013), do Amapá (ALAP – 2017) e de Alagoas (ALAL – 2018).



Em fase inicial ou adiantada de pesquisas, já se tem notícias de seis atlas estaduais, o do Espírito Santo, do Maranhão, do Rio Grande do Norte, de Rondônia e do Pará e do Piauí. Nas bibliotecas das universidades e dos pesquisadores, também são encontradas dissertações e teses já concluídas ou em andamento focalizando atlas microrregionais.

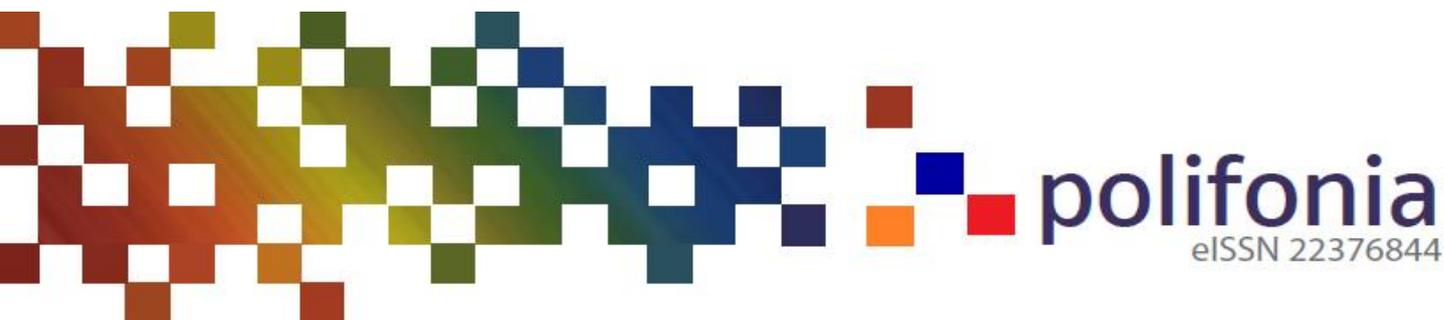
É fato que, além da Dialectologia, a língua também pode ser estudada na perspectiva sociolinguística, termo usado para conceituar o estudo da língua em seu contexto social, ou seja, trata-se de um campo de investigação que descreve todas as áreas do estudo da relação entre língua e sociedade, como defende Cardoso (2010).

Mesmo com as análises linguísticas de cunho social terem iniciado a partir dos anos 50, a *Teoria da Variação* foi desenvolvida anos depois a partir da proposta de Labov (1966), na qual se atribuiriam valores sociais às regras linguísticas, plenamente variáveis.

Nas palavras de Labov (1983), a *Teoria da Variação* busca estabelecer conexões entre grupos sociais e variedades de uso linguístico, além de alcançar a direção da mudança nas bases sociais, a partir das quais se traçam os perfis de variação estável ou em progresso.

No Brasil, não são raras as pesquisas sobre a variação de língua portuguesa que se valem de veios sociolinguísticos para tecer explicações sobre o comportamento detectado. A partir das perspectivas teóricas de autores experientes, são buscadas recorrências quanto à interferência de gênero, faixa etária, escolaridade, urbanização e os resultados têm sido igualmente relevantes. Por esse motivo, o método geolinguístico passou a compartilhar das dimensões sociais para explicar a variação regional, a partir da inspiração no *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU) (ELIZAICÍN; THUN, 2000). Sobre isso, THUN, 1998, p. 704) menciona:

La superficie bidimensional horizontal de la Dialectología y el eje vertical de la Sociolingüística forman juntos el espacio variacional tridimensional de la Dialectología pluridimensional y relacional [...] la Dialectología



pluridimensional se acerca al ideal de la descripción completa y ordenada del polimorfismo lingüístico y de su relación con los hablantes.¹

1.1 Atlas Lingüístico de Pernambuco: estrutura e documentação

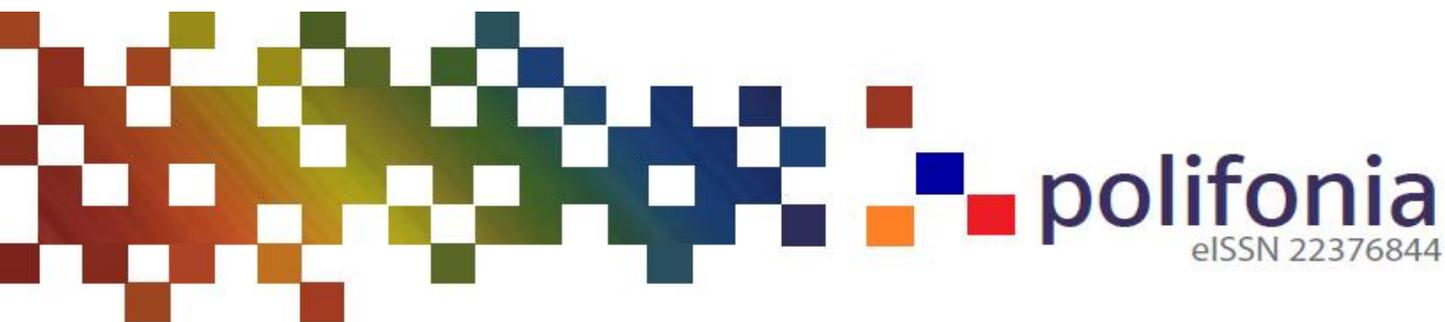
Em termos de geolinguística nos estados brasileiros, o Atlas Lingüístico de Pernambuco (ALiPE)² foi construído como produto de tese de doutorado e constituiu o segundo atlas lingüístico do Estado e o quinto atlas estadual do Nordeste, sem contar, obviamente, com o segundo atlas de Sergipe.

A julgar pela extensão do Estado de Pernambuco com seus 185 municípios, recorreu-se aos pressupostos defendidos por Ferreira e Cardoso (1994) para a seleção dos pontos de inquéritos do atlas lingüístico desse estado, quando foram investigados aspectos históricos, geográficos, socioeconômicos e culturais de cada um dos municípios.

Para a diagnose, foram selecionados 20 municípios como pontos de inquérito: 1 – Afrânio; 2 – Petrolina; 3 – Santa Maria da Boa Vista; 4 – Ouricuri; 5 – Salgueiro; 6 – Floresta; 7 – Tacaratu; 8 – Serra Talhada; 9 – Custódia; 10 – São José do Egito; 11 – Tupanatinga; 12 – Arcoverde; 13 – Águas Belas; 14 – Garanhuns; 15 – São Bento do Una; 16 – Taquaritinga do Norte; 17 – Caruaru; 18 – Palmares; 19 – Limoeiro; 20 – Recife.

¹ [...] a superfície bidimensional horizontal da dialetologia e o eixo vertical da sociolinguística formam juntos o espaço variacional tridimensional da dialetologia multidimensional e relacional. [...] A dialetologia multidimensional aproxima-se do ideal da descrição completa e ordenada do polimorfismo lingüístico e sua relação com os falantes (tradução do autor)

² Em sendo o segundo atlas lingüístico com fenômenos variáveis do falar pernambucano, os estudos dialetais passaram a ganhar força e tentado proporcionar a pesquisadores na área da descrição lingüística o estímulo para construção de outros documentos sob os auspícios da Dialetologia e da Geolinguística, a exemplo de atlas de pequeno domínio com a descrição de fenômenos de municípios do interior, como Buíque (FERREIRA, 2011), Pedra (SILVA, 2018) e o trabalho mesorregional no Sertão do Pajeú (SÁ et al, 2018).



O perfil dos informantes seguiu os critérios metodológicos do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), delineados em Cardoso et al. (2014), com homens e mulheres entre 18 e 30 anos e entre 50 e 65 anos, com escolaridade até o quinto ano do Ensino Fundamental - anos iniciais, além de informantes com curso superior completo apenas para a capital.

Considerando os dois gêneros e os dois níveis etários, cada ponto de inquérito teve quatro informantes, somados a mais quatro da capital do Estado, de modo que a pesquisa foi efetivada com 84 habitantes distribuídos em todo o território urbano de Pernambuco.

Além das 159 questões do *Questionário Fonético-Fonológico (QFF)*, foram aplicadas 202 questões do *Questionário Semântico-Lexical (QSL)*, distribuídas nos campos semânticos: *acidentes geográficos, alimentação e cozinha, astros e tempo, atividades agropastoris, ciclos da vida, convívio e comportamento social, corpo humano, fauna, fenômenos atmosféricos, habitação, jogos e diversões infantis, religião e crenças, vestuário e acessórios* e, ainda, sobre *vida urbana*. Para as especificidades do Estado, foram aplicadas 41 questões relativas a *folgedos, danças, renascença e barro*. Além dessas, os informantes responderam, ainda, a 49 perguntas de cunho morfossintático.

Após a transcrição das respostas, foram construídas as cartas linguísticas divididas em 50 cartas fonéticas, 47 semântico-lexicais e 8 morfossintáticas. A figura 1, na sequência, ilustra uma das cartas fonéticas do ALiPE.

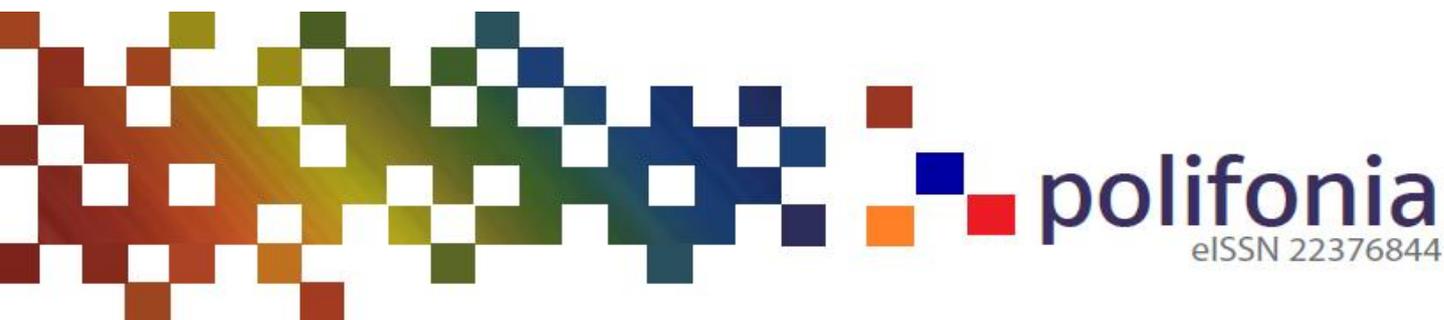
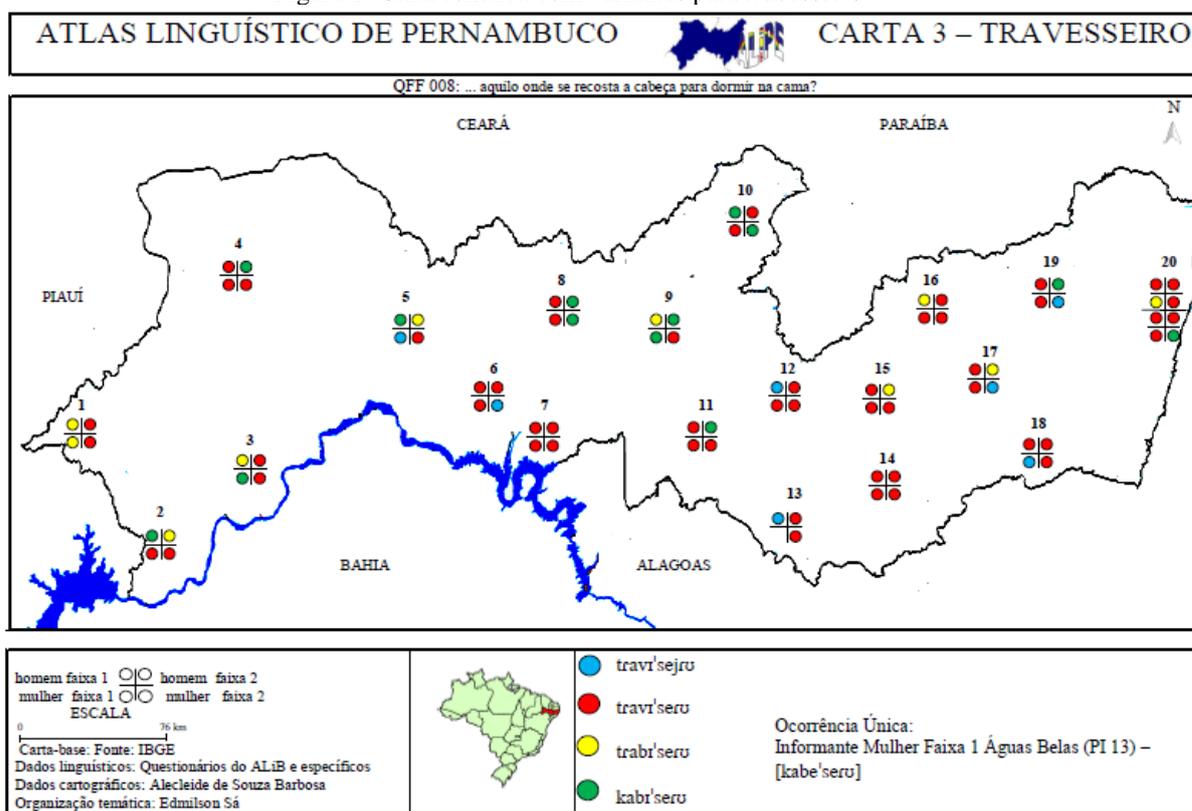


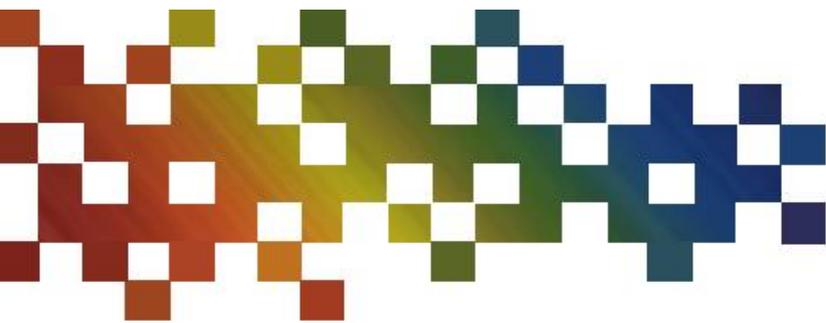
Figura 1: Carta fonética com variantes para *travesseiro*



Fonte: ALiPE (SÁ, 2013)

2. O comportamento variável das vogais pretônicas no Português Brasileiro

Em se tratando da tonicidade das vogais no português brasileiro, é possível agrupá-la em três dimensões que são nomeadas em tônicas, postônicas e pretônicas. No caso das vogais tônicas orais, a distribuição apresentada em Silva (2002, p. 79) beira a homogeneidade em todas as regiões, com casos ínfimos de variação em itens lexicais como *f[e]cha* – *f[ɛ]cha* e *p[e]go* – *p[ɛ]go* que não se mantém no caso das vogais pretônicas, pois são comumente registrados casos em que a vogal /e/ é realizada como [ɪ] e [ɛ], como em *m[e]nino* – *m[ɪ]nino* e *m[ɛ]nino*, e a vogal /o/ é realizada como [ɔ] e [ʊ],



como em *b[ɔ]nito* e *b[ʊ]nito*. Assim, o perfil das pretônicas no português brasileiro figura na forma disposta no quadro 1:

Quadro 1: Distribuição das vogais pretônicas orais no português brasileiro

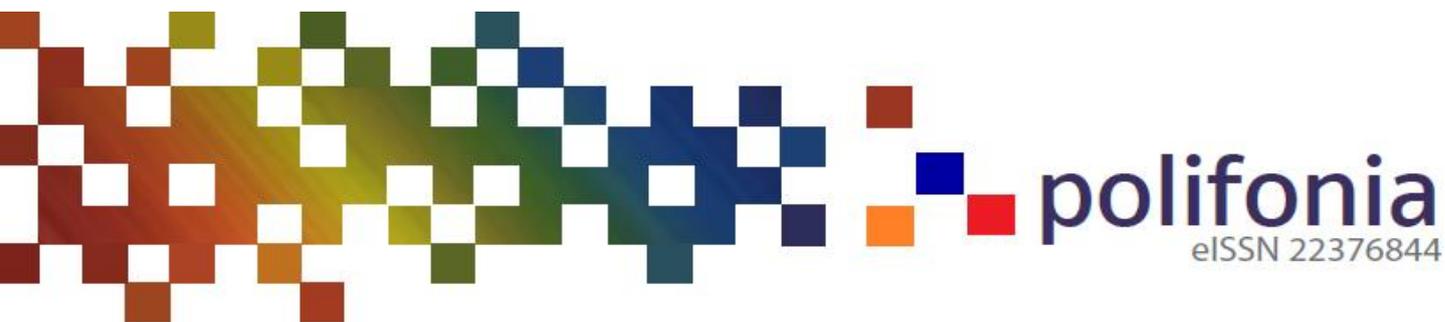
	Anterior		Central		Posterior	
	arred	não arred	arred	não arred	arred	não arred
alta		i			u	
média-alta		e			o	
média-baixa		(ɛ)		(ə)	(ɔ)	
baixa				a		

Fonte: Silva (2002, p. 81)

Segundo Câmara Jr. (2007), formas verbais no infinitivo detêm vogais que alteiam por anteciparem um hiato, como ocorre em *passoar* e *voar*, pronunciadas respectivamente como *pass[ɪ]ar* e *v[ʊ]ar*. Maia (1986), por sua vez, entendeu que o alteamento da vogal média pretônica poderia estar condicionado ao contexto inicial da palavra, quando seguido de sibilante, como em *escola* – *[ɪ]scola*, enquanto Leite e Callou (2002) passaram a defender tal comportamento da pretônica quando seguida da lateral palatal, a exemplo de *colher* – *c[ʊ]lher* e *melhor* – *m[ɪ]lhor*.

Alguns estudiosos elencam outros processos que justificam a variação das pretônicas. Bisol (2003), por exemplo, sugere uma neutralização, quando a vogal perde um traço distintivo, reduzindo-se dois fonemas a uma só unidade fonológica, como em *b[ɛ]lo* – *b[e]leza*, enquanto Battisti e Vieira (2001) discutem a harmonização vocálica em casos como *pepino* – *p[ɪ]pino* e Klunck (2007) trata da redução vocálica em *bolacha* – *b[ʊ]lacha*.

Como se observa, o fenômeno da variação das pretônicas é bastante discutido e algo não tão hodierno. Diacronicamente ao se comparar a passagem do latim para o português, percebe-se um *continuum* de perdas e quedas dessas vogais, que não se sustentam no início da sílaba - *inamorare* > *namorar* e, quando não estão nessa posição



inicial, são influenciados pela vogal tônica, como ocorre em *bonitãte* > *bondade*, ou seja, a variação é influenciada por sons vizinhos, como aponta Coutinho (1970, p. 118).

Em termos mais específicos, estudos sobre as vogais pretônicas têm apontado semelhanças e distinções, quando são comparados diatopicamente. O quadro 2, na sequência, faz um apanhado de alguns desses estudos.

Quadro 2: Panorama de algumas pesquisas já realizadas sobre a variação das vogais médias pretônicas

AUTOR	AMBIENTE	ALGUMAS CONCLUSÕES
Alves (2008)	Belo Horizonte (MG)	A autora constatou três possibilidades de realização da vogal média em posição pretônica: com o timbre aberto (v[e]getal), com timbre fechado ([ε]xcesso) e como vogal alta ([i]scola).
Bisol (1981)	Porto Alegre (RS)	A variação, nesse estudo, está condicionada à atonicidade influenciada pelo contexto seguinte, como em al[i]gria e c[o]ruja.
Brandão e Cruz (2005)	Amazonas e Pará	Segundo as autoras já previam, as vogais pretônicas se comportavam em modo aberto em posição pretônica nos estados do Amazonas e do Pará como em p[ε]rdido e c[o]lega.
Callou e Leite (1986)	Rio de Janeiro (RJ)	Foi encontrado maior índice de elevação da vogal média no Estado do Rio de Janeiro como em f[e]liz e f[o]rmiga .
Carneiro e Magalhães (2009)	Araguari (MG)	Para os autores, as pretônicas se comportam na mesma maneira que fora averiguado na capital do Estado de Minas Gerais, com percentual elevado de abertura.
Célia (2004)	Nova Venécia (ES)	Os estudos mostraram que as vogais médias pretônicas [e, o] realizam-se tanto alteadas [i, u], quanto abaixadas [ε, ɔ], decorrente do processo de assimilação do traço de altura da vogal seguinte, independentemente de sua tonicidade.
Freitas (2001)	Bragança (PA)	A autora concluiu que as vogais médias pretônicas se mantiveram fechadas quando as vogais tônicas eram /e/ e /o/. Observou-se também grande ocorrência das variantes baixas [ε] e [ɔ] e inibição das variantes altas [i] e [u].
Graebin (2008)	Formosa (GO)	A autora observou três comportamentos das vogais: alteamento (m[i]tira), manutenção (p[e]rigo) e abaixamento (b[ɔ]nito) das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica.
Maia (1986)	Natal (RN)	Para a autora, a variação das pretônicas é condicionada ao tipo de vogal imediatamente seguinte e que o fator tonicidade parece influenciar o comportamento de átonas médias antes de /i/, a exemplo de s[i]guido.
Marchi e Stein (2007)	Curitiba (PR)	Foi confirmada a inibição da elevação da média pretônica, ou seja, são evidentes ocorrências como g[o]dura.



Rodrigues e Araújo (2007)	Cametá (PA)	No estudo, as autoras concluíram que a regra de elevação das pretônicas /e/ e /o/ aplica-se com menor probabilidade, ao modo que se observa maior frequência de vogais médias fechadas, aspectos mais próximos aos falares do Sul, e não aos do Norte, como apontado em pesquisas no estado do Pará.
Silva (1992)	Salvador (BA)	A autora estratificou as variantes [u] e [i] em grandes percentuais, principalmente antes de vogais altas e as variantes [o] e [e], estratificadas em maior nível antes de vogais de mesma altura.
Tenani e Silveira (2008)	São José do Rio Preto (SP)	Foi concluído que não ocorre alteamento nas vogais pretônicas /e/ e /o/, proferidas pelos falantes do município.
Viana (2008)	Pará de Minas (MG)	À luz da sociolinguística, foram percebidas as seguintes variantes da vogal média pretônica anterior: o alteamento, a manutenção e o abaixamento da vogal, como percebido por Graebin (2008).

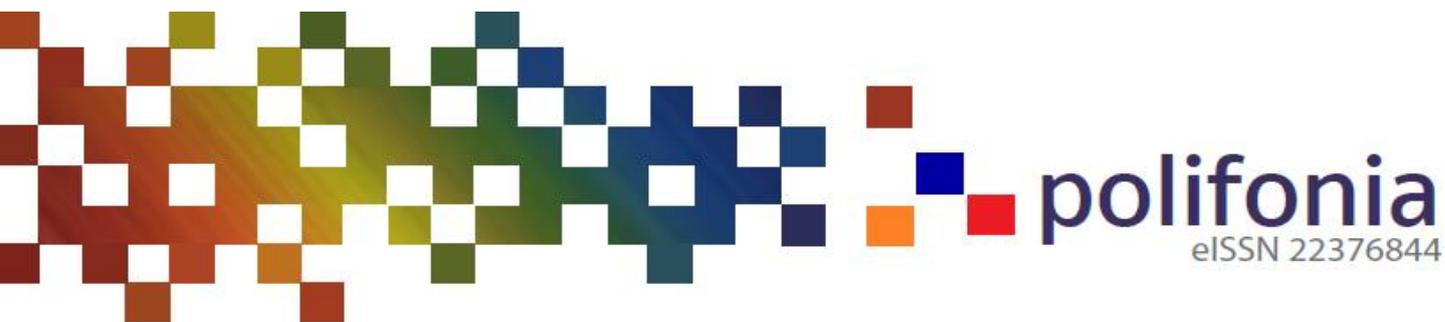
Fonte: organização do autor

A despeito do grande número de trabalhos que discutem a variação das vogais médias postônicas, Pernambuco ainda engatinha em estudos dessa natureza, talvez porque muitos ainda creiam que o comportamento dessas vogais ainda se enquadre exclusivamente numa análise puramente fonética, da qual fazem parte os trabalhos de Amorim (2009) e de Rumeu (2012), cujas análises se restringem à fala da capital e a partir das quais os autores concluíram que os recifenses cultos preferem as vogais médias altas em detrimento das demais variantes.

Porém, Aragão (2009, p. 225) vai além da visão linguística e defende a análise “sob a perspectiva da dialetologia e da sociolinguística, que marcam as variações linguísticas, diatópicas e diastráticas do português do Brasil”. Daí a necessidade de estudos que explorem outras dimensões sociais, sobretudo a escolaridade, e verifiquem se o comportamento das referidas vogais se mantém semelhante em municípios do interior do Estado.

3. As pretônicas em Pernambuco

Para verificar como se comportam as vogais pretônicas no Estado de Pernambuco, partiu-se dos dados que compõem o *corpus* do Atlas Linguístico de

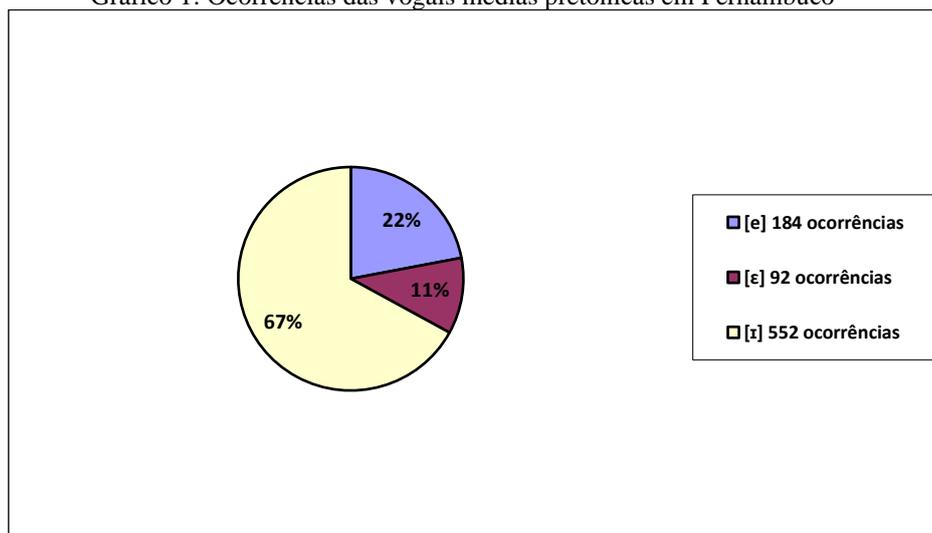


Pernambuco (ALiPE), construído por Sá (2013). Para tanto, selecionaram-se as variantes fonéticas para t/e/soura, trav/e/sseiro, f/e/cha, c/e/bola, d/e/svio, m/e/ntira, f/e/rida, d/e/smaio, p/e/rfume e /e/squerdo, que evidenciam o estudo para a vogal média anterior e para g/o/rdura, c/o/lher, t/o/mate, b/o/tar, /o/relha, /o/velha, b/o/rracha, d/o/rmindo e ass/o/bio, em que são destacadas as vogais médias posteriores.

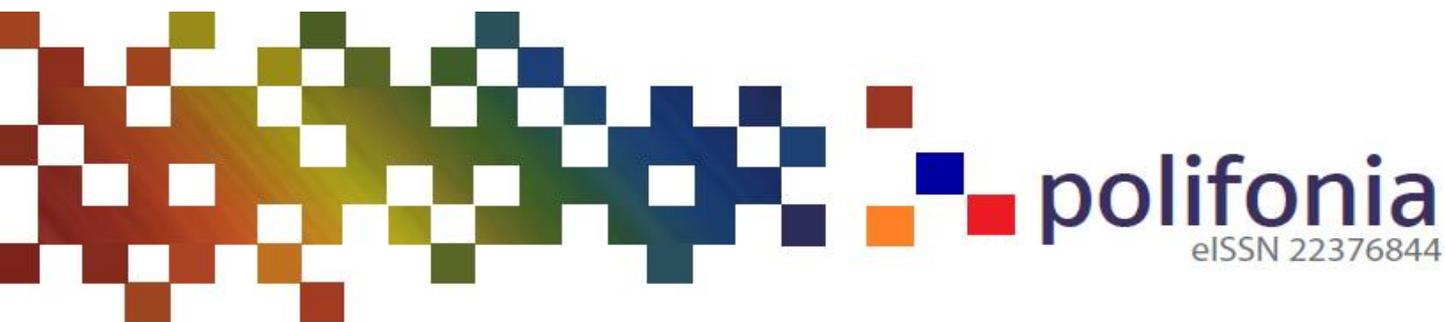
3.1 Análise linguística das vogais médias pretônicas anteriores

Após ter realizado os procedimentos de análise estatística pelo programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) foram verificados, inicialmente, os dados conforme as ocorrências do grau de abertura das vogais médias pretônicas, em que se confirma a realização das três variantes encontradas: [e], [ɛ] e [ɪ] no português falado em Pernambuco, como se pode observar no gráfico 1, ratificando a visão de Alves (2008), Celia (2004) e Graebin (2008) acerca de outras regiões brasileiras:

Gráfico 1: Ocorrências das vogais médias pretônicas em Pernambuco



Fonte: Organização do autor a partir dos dados do ALiPE (SÁ, 2013)



Conforme era esperado, o número de ocorrências com o alteamento da vogal média anterior constitui marca dialetal do português pernambucano, já que a quantia registrada chega a 67% do total, enquanto a variante média-alta foi observada em 22% do total de ocorrências e, em 11%, a vogal era média-baixa.

Considerando a elevação de percentuais para o alteamento da vogal, convém averiguar os contextos linguísticos que favoreceram tal comportamento. Inicialmente, dissemina-se a análise segundo o timbre do segmento tônico, considerando as vogais (alta, média e baixa). Além disso, inseriu-se o ditongo em contexto de sílaba tônica. A tabela 1 expõe estatisticamente como isso ocorreu:

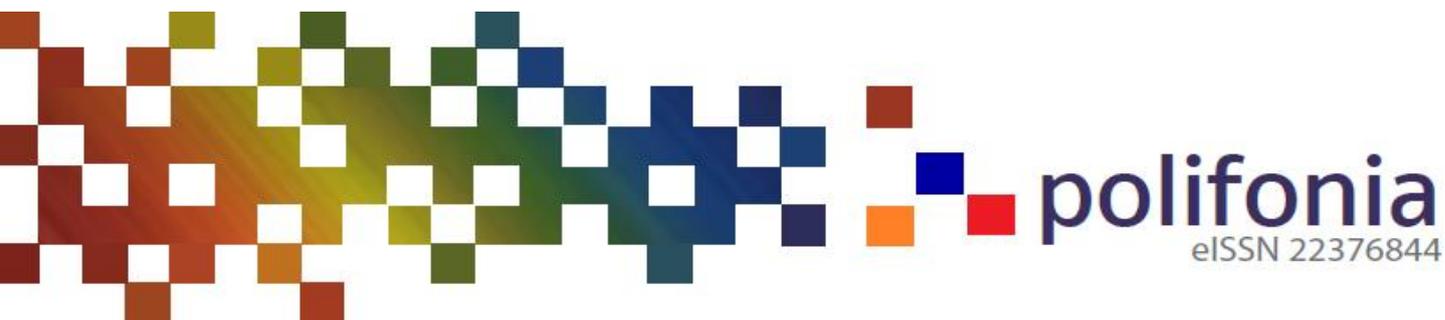
Tabela 1: Interferência do timbre da vogal tônica e do ditongo no alteamento da vogal média anterior pretônica em Pernambuco

Timbre / ditongo	Ocorrências	Percentual	Peso relativo	Exemplo
Vogal alta	225/334	86%	0.47	fer[i]da ~ f[i]rida
Vogal média	113/164	69%	0.37	ceb[o]la ~ c[i]bola
Ditongo	213/247	86%	0.86	travess[ej]ro ~ trav[i]sseiro

Fonte: Organização do autor a partir dos dados do ALiPE (SÁ, 2013)

Conforme apresentado na tabela 1, o ditongo em contexto tônico parece favorecer o alteamento (0.86), no caso do item lexical *travesseiro*, o que parece ser influenciado pelo contexto seguinte, a ser averiguado mais adiante. Em falares do Nordeste, pesquisas já mostraram alteamento da pretônica diante de ditongos orais e nasais, a exemplo do que Almeida et al. (2018) já constataram em Fortaleza e Amorim (2009), em Recife.

Porém, no caso de variantes em que houve apenas uma vogal tônica, o alteamento se mostrou mais inibido, ao contrário de outros trabalhos que apontam a vogal alta como uma das mais favorecedoras do fenômeno por estabelecer uma *harmonia vocálica* (BISOL, 1981), em que a mudança de [e] para [i] estaria condicionada à vogal tônica [i]. Isso desencadearia um mecanismo de assimilação do traço de altura da vogal alta [i], como ocorre no exemplo: ferida – f[i]rida. Porém, o peso relativo de 0.47, paralelo aos



timbres da vogal tônica média (0.37) insinua que tal contexto não favoreceu tanto o alteamento da vogal pretônica, já que registra pesos abaixo do índice neutro, de 0.50.

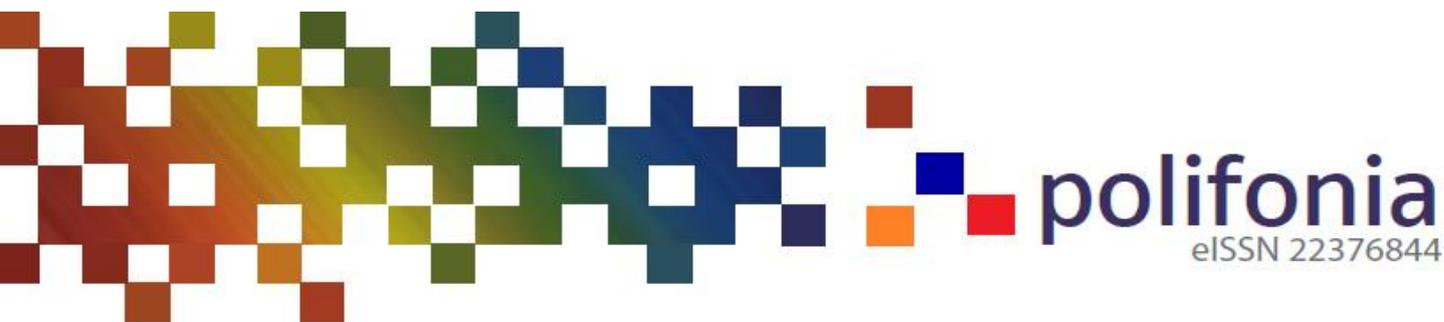
Acreditando, como ocorre em outras pesquisas, na influência do ponto de articulação do segmento precedente à pretônica, foram inseridos na referida variável os contextos de segmento labial, alveolar e dental, bem como ausência de segmento pré-vocálico. Da mesma forma, tentou-se averiguar a influência do contexto seguinte e, considerando a inexistência de alteamento da pretônica nas ocorrências para ‘fechar’, único item lexical do *corpus*, cuja vogal média pretônica antecede o segmento palatal e apresenta a vogal tônica baixa, retiraram-se os itens com esse contexto de modo a eliminar os *knockouts* observados na primeira rodada do programa estatístico. Depois desse processo, o total de dados perfaz 746 ocorrências, que possibilitaram a verificação do alteamento da vogal /e/. Na tabela 2, a seguir, contemplam-se os pontos de articulação que precedem a vogal pretônica e quais os que influenciam ou inibem o alteamento.

Tabela 2: Interferência do ponto de articulação do segmento precedente no alteamento da vogal média anterior pretônica em Pernambuco

Ponto de articulação do segmento precedente	Ocorrências	Percentual	Peso relativo	Exemplo
Labial	79/167	47%	0.84	tra[v]esseiro ~ trav[ɪ]sseiro.
Alveolar	242/330	73%	0.82	[c]ebola ~ c[ɪ]bola
Dental	151/166	91%	0.01	[t]esoura ~ t[ɪ]soura
Ausência de segmento	80/83	96%	0.24	[ø]esquerdo ~ [ɪ]squerdo

Fonte: Organização do autor a partir dos dados do ALiPE (SÁ, 2013)

A análise estatística retrata que segmentos precedentes consonantais com ponto de articulação labial e alveolar favorecem o alteamento da vogal média anterior pretônica /e/, em maior proporção que os itens com ausência de segmento antes da vogal que



antecede a sílaba tônica, enquanto o contexto precedente representado pela consoante dental desfavorece por completo tal comportamento. Em termos estatísticos, os pesos relativos para os itens lexicais cujo contexto precedente se constitui de uma consoante alveolar e de uma dental são contrários ao que Amorim (2009) confirmou em sua pesquisa realizada em Recife, pois os dados dispostos na tabela 2 revelam um ínfimo alteamento quando a pretônica sucede uma consoante dental, que possui um traço articulatório baixo como o /t/, como classifica Bisol (1981). Esperava-se que isso também ocorresse com as alveolares, cujo traço segue a mesma marcação baixa, mas o peso relativo 0.82 mostra a probabilidade de elevação nesse contexto. Admite-se, aqui, uma interferência não linguística para tal comportamento.

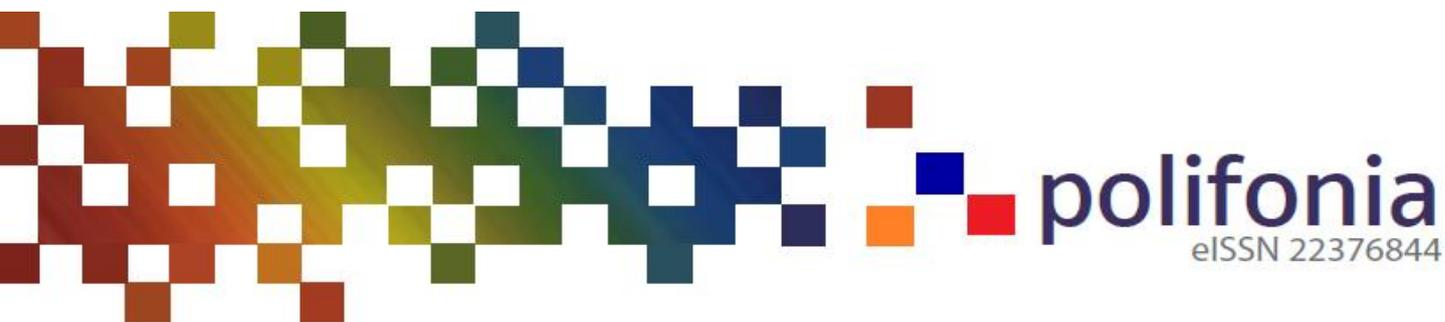
Com respeito ao contexto seguinte, os dados foram classificados quanto ao ponto de articulação da consoante e a tabela 3 apresenta em que contextos o alteamento foi mais favorecido.

Tabela 3: Interferência do ponto de articulação do segmento seguinte no alteamento da vogal média anterior pretônica em Pernambuco

Ponto de articulação do segmento seguinte	Ocorrências	Percentual	Peso relativo	Exemplo
Labial	34/82	41%	0.63	c[e]bola ~ci[b]ola
Alveolar	370/414	89%	0.10	trav[e]sseiro ~travi[s]eiro
Vibrante	68/167	41%	0.99	f[e]rida ~fi[r]ida
Velar	80/83	96%	0.39	cons[e]guir ~consi[g]uir

Fonte: Organização do autor

Conforme a tabela 3, as vibrantes favoreceram mais o alteamento da vogal média anterior, permitindo a *harmonia vocálica* quando a vogal tônica influencia na altura da pretônica, comportamento menos favorecido diante de consoantes labiais e velares e com

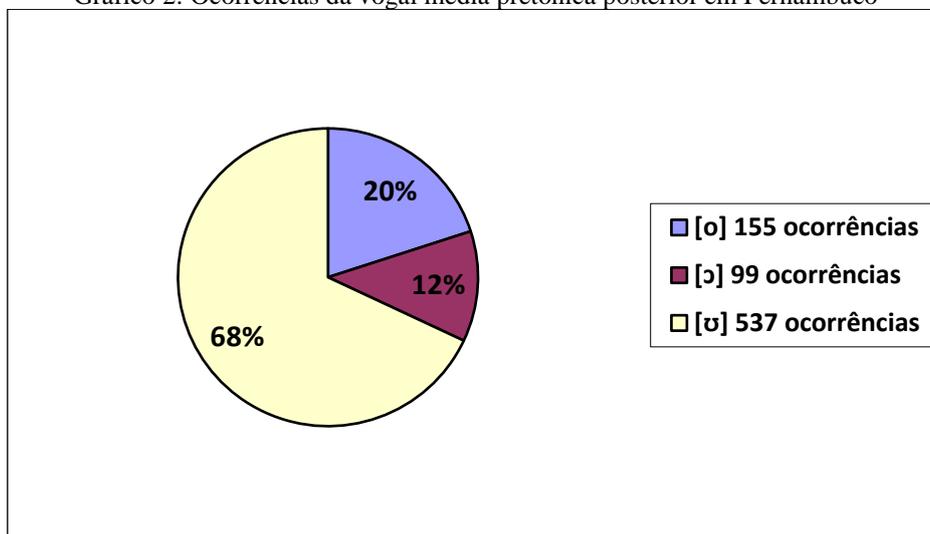


nenhuma influência diante consoantes alveolares. Isso se confirma com o cruzamento do contexto seguinte com o timbre da vogal/ditongo tônico. Assim, esses contextos de pouco favorecimento do alteamento da vogal pretônica sinalizaram a redução vocálica, corroborando com os resultados encontrados em Klunck (2007).

3.2 Análise linguística das vogais médias pretônicas posteriores

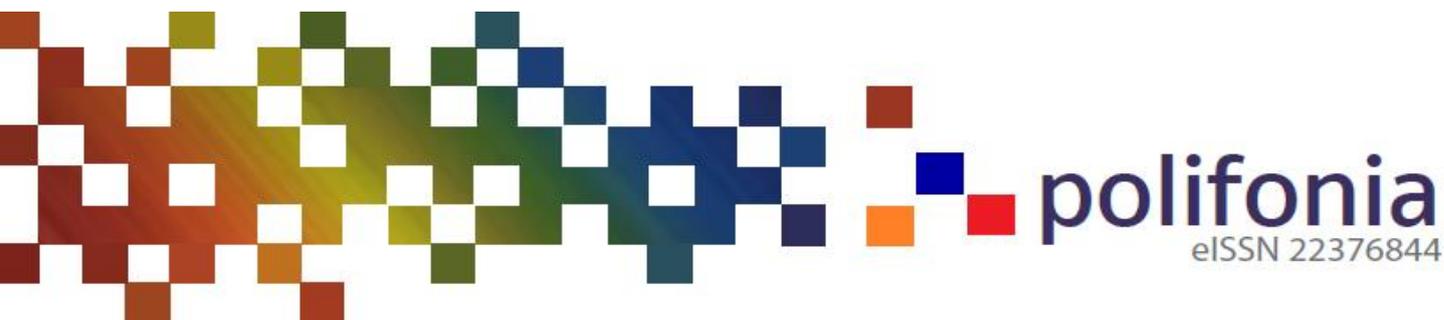
Quanto à vogal média posterior /o/, assim como ocorreu com a descrição da anterior /e/, a realização referente ao grau de abertura também ocasionou três variantes, estratificadas no Golvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e apresentadas, na sequência, pelo Gráfico 2:

Gráfico 2: Ocorrências da vogal média pretônica posterior em Pernambuco



Fonte: Organização do autor

Conforme o gráfico 2, o alteamento da vogal média posterior /o/ se mostrou mais assíduo com 68% das ocorrências, enquanto o abaixamento foi mais inibido com 12% e a manutenção da vogal fechada ocorreu em 20% dos itens estratificados. Assim, já é



possível sinalizar o alteamento como marca dialetal do falar pernambucano como percebido em relação à vogal anterior. Resta, portanto, verificar que condicionadores linguísticos influenciaram nesse resultado.

Para compreender as interferências linguísticas nos percentuais apresentados, resolveu-se verificar o comportamento da vogal tônica das sílabas que precedem ou sucedem as três variantes da vogal média posterior em posição pretônica, a partir das ocorrências para *g/o/rdura*, *c/o/lher*, *t/o/mate*, *b/o/tar*, */o/relha*, */o/velha*, *b/o/rracha*, *d/o/rmindo* e *ass/o/bio*.

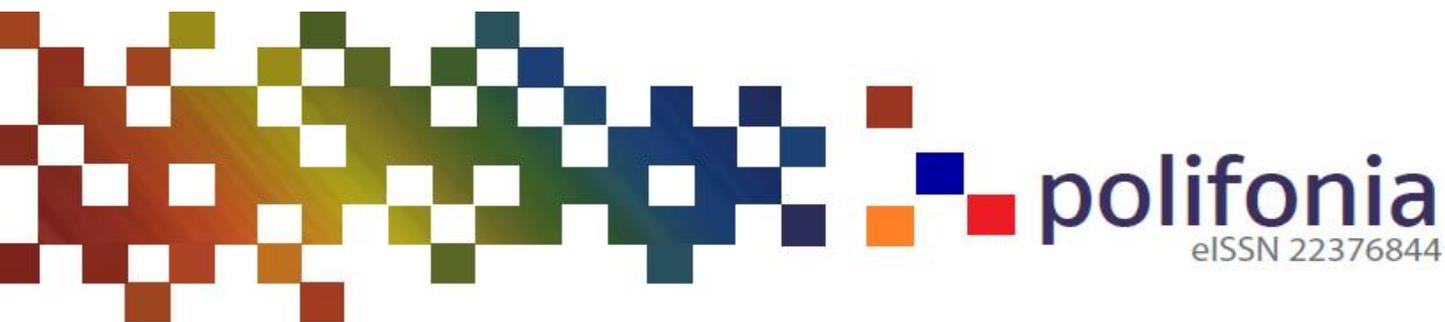
Porém, ao inserir os dados no Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), houve *knockouts* na primeira rodada referente à variável *contexto seguinte*, por conta da ausência de ocorrências de */o/velha* com a abertura da vogal pretônica, o que inviabilizou a continuidade da análise com as rodadas *stepping up* e *stepping down*, que visam à verificação dos pesos probabilísticos para avaliação dos contextos de uso das variantes. Assim, após amalgamar as ocorrências com as variantes com as vogais média alta e média baixa em posição pretônica, verificar-se-á o comportamento dessas vogais perante o alteamento, considerando-se, assim, a distinção alteamento – não alteamento.

No que concerne à variável vogal tônica, a segunda rodada do programa estatístico apresentou o seguinte comportamento:

Tabela 4: Ocorrências de alteamento a partir da influência do timbre da vogal tônica em Pernambuco

Vogal tônica	Ocorrências	Percentual	Peso relativo	Exemplo
Vogal alta	310/416	74%	0.76	gord[u]ra ~ gɔ]rdura
Vogal média	166/235	71%	0.67	or[e]lha ~[ɔ]relha
Vogal baixa	61/137	44%	0.31	bot[a]r ~b[ɔ]tar

Fonte: Organização do autor



A hipótese inicial preconizava que o alteamento da vogal média posterior pretônica /o/ estaria condicionado à altura do timbre da vogal tônica e os pesos relativos expostos na tabela 6 apontam para a confirmação já que à medida que o timbre da vogal tônica se eleva, a vogal pretônica se harmoniza.

Contudo, é pertinente averiguar os contextos laterais à vogal pretônica para que as justificativas do alteamento e do não alteamento sejam melhor compreendidas. *In limine*, conforme já constatado no trabalho de Amorim (2009), a consoante que precede a vogal /o/ costuma influenciar no alteamento dessa vogal e a tabela 5 contempla a distribuição e o percentual de ocorrências a partir desse contexto.

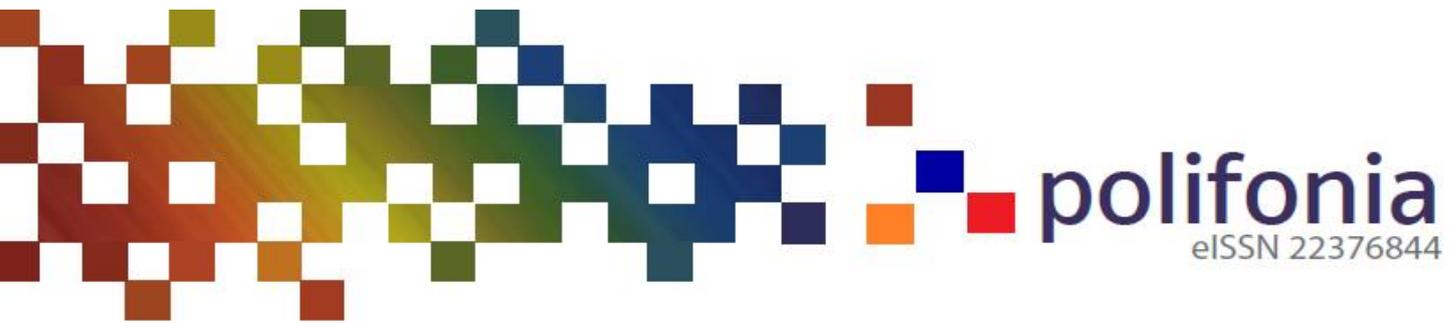
Tabela 5: Ocorrências de alteamento a partir da influência da consoante precedente em Pernambuco

	Ocorrências	Percentual	Peso relativo	Exemplo
Labial	21/53	3	0.41	[b]orracha ~ b[ɔ]rracha
Dental	147/249	59%	0.85	[t]omate ~t[ɔ]mate
Velar	278/338	82%	0.15	[g]ordura ~g[ɔ]rdura
Ausência de segmento	91/151	60%	0.75	[ø]relha ~[ɔ]relha

Fonte: Organização do autor

Segundo a tabela 5, as consoantes dentais, com peso 0.85, favorecem mais o alteamento assim como ocorre quando não há consoante precedendo a vogal /o/ em posição pretônica, com peso 0.75. Porém, as labiais não favorecem tanto a altura da vogal média e as velares inibem tal comportamento por completo, haja vista os respectivos pesos relativos 0.45 e 0.15 serem inferiores aos índices de maior probabilidade.

Para apurar a influência do contexto seguinte à vogal pretônica /o/, o ponto de articulação das consoantes foi expandido e o alteamento também se manifesta mais



acentuadamente antes das labiais, com peso relativo de 0.86 e das alveolares, com 0.70, enquanto antes das vibrantes, esse fenômeno é mais inibido, com 0.32, comprovados na tabela 6, a seguir. Porém, como era esperado, antes de consoantes palatais e labiodentais, esse contexto não é favorecido. Logo, nesses contextos, a pretônica se diferencia do que Callou e Leite (1986) verificaram sobre tais contextos favorecerem o alteamento.

Tabela 6: Ocorrências de alteamento da vogal média posterior a partir da influência da consoante seguinte em Pernambuco

	Ocorrências	Percentual	Peso relativo	Exemplo
Bilabial	129/254	51%	0.86	asso[b]io ~ ass[ɔ]bio
Vibrante	184/249	74%	0.32	go[r]dura ~ g[ɔ]rdura
Palatal	75/84	89%	0.03	co[ʎ]er ~c[ɔ]lher
Alveolar	100/137	73%	0.70	bo[n]ito ~b[ɔ]nito
Labiodental	49/67	73%	0.15	o[v]elha ~[ɔ]velha

Fonte: Organização do autor

3.3 Análise geossociolinguística

Considerando o alteamento das vogais médias anteriores e posteriores, tomar-se-á esse comportamento para verificar a influência de restrições sociais e geográficas. A tabela 9, na sequência, expõe a análise estatística em relação à dimensão diagenérica, inicialmente, referente à vogal anterior.

As ocorrências catalogadas contrariam a ideia de que a mulher se policia mais em sua fala, mantendo, no contexto desta pesquisa, a vogal média alta, pois os pesos relativos indicam a predominância do alteamento, enquanto os homens o inibem, cuja disparidade nos pesos relativos se diferencia das pesquisas de Amorim (2009) e Rumeu (2012). A tabela 7 expõe a análise estatística da variação diagenérica em relação às pretônicas em Pernambuco.

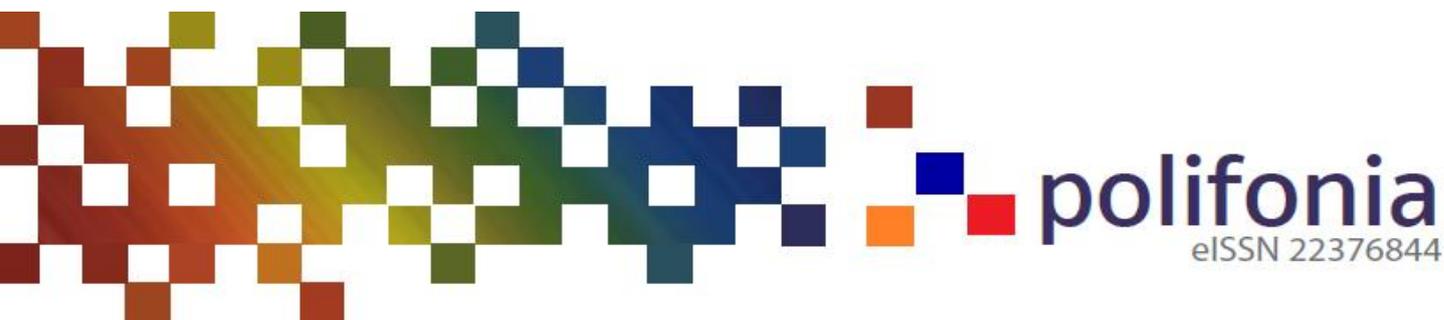


Tabela 7: Ocorrências de alteamento da vogal média anterior /e/ a partir da influência do sexo em Pernambuco

	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Homem	286/429	67%	0.40
Mulher	266/399	67%	0.60

Fonte: Organização do autor

Quanto à dimensão diageracional, os pesos relativos apontam a inovação da pronúncia da vogal média anterior na fala dos mais jovens, enquanto os informantes com mais idade são mais conservadores, pois mantêm a variante mais baixa. Isso pode ser confirmado na tabela 8.

Tabela 8: Ocorrências de alteamento da vogal média anterior /e/ a partir da faixa etária em Pernambuco

	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
18 a 30 anos	265/415	64%	0.66
50 a 65 anos	287/413	70%	0.33

Fonte: Organização do autor

Em relação à vogal média posterior, a interpretação parece se assemelhar ao que ocorreu com a vogal anterior no que cerne ao alteamento influenciado pelas dimensões extralinguísticas, conforme a rodada no programa estatístico, após desconsiderar a variante [ɔ], anteriormente amalgamada com as ocorrências da vogal média alta.

Nesse sentido, considerando a variável dependente alteamento – não alteamento da vogal média posterior /o/, a análise estatística da dimensão diagenérica aponta o conservadorismo do homem e a inovação da mulher, como se observa na tabela 9.

Tabela 9: Ocorrências de alteamento da vogal média posterior /o/ a partir da influência do sexo em Pernambuco

	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Homem	201/287	70%	0.36
Mulher	397/537	74%	0.59

Fonte: Organização do autor



Já em relação à dimensão diageracional, os resultados, mais uma vez, apontam que os pernambucanos de mais idade tendem a altear a vogal média posterior com maior probabilidade que os jovens, contrariando o que preconizam outras pesquisas. Após verificar os dados quanto à dimensão diatópica, é possível que essa constatação se confirme.

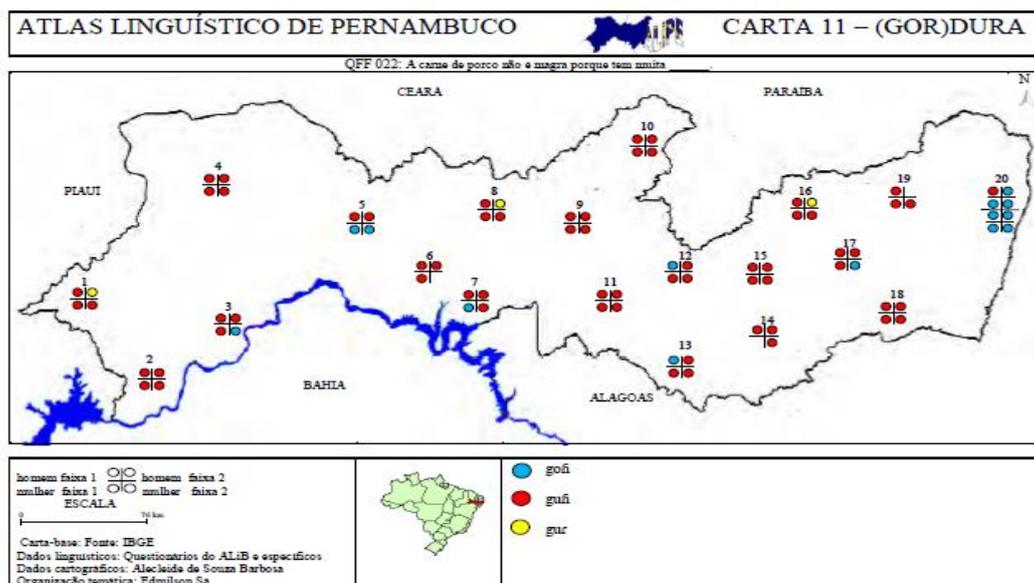
Tabela 10: Ocorrências de alteamento da vogal média posterior /o/ a partir da faixa etária em Pernambuco

	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
18 a 30 anos	224/295	76%	0.46
50 a 65 anos	392/496	79%	0.55

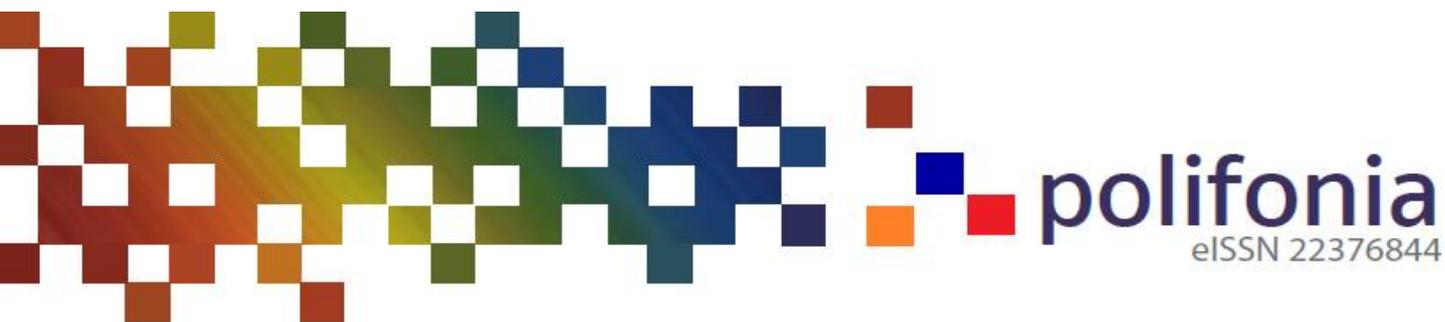
Fonte: Organização do autor

Do ponto de vista diatópico, percebe-se a inovação das pretônicas em quase toda a extensão do Estado de Pernambuco, como se pode perceber na distribuição das ocorrências fonéticas para ‘gordura’, disposta na figura 2, o que, de fato, coaduna com as demais cartas que apresentam a variação da referida vogal.

Figura 2: Carta com variantes fonéticas para gordura



Fonte: Sá (2013)



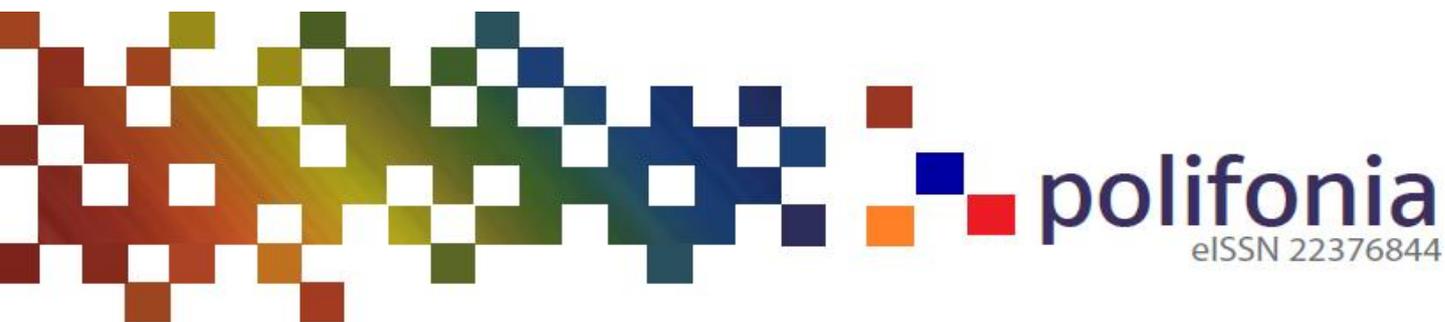
Na figura 2, percebe-se no número limitado de ocorrências com a manutenção da vogal média fechada uma distribuição restrita às mulheres do ponto 5 – Salgueiro, a mulher mais jovem do ponto 7 – Tacaratu, os homens mais jovens dos pontos 12 – Arcoverde e 13 – Águas Belas e quase todos os informantes da capital – Recife – que constitui o ponto de inquérito 20.

Salienta-se, aqui, que o único informante recifense que não seguiu a variante característica de seu município foi o homem mais jovem com ensino fundamental, anos iniciais, completo. Como Recife é a capital do estado pernambucano, a metodologia também sugere inquéritos com informantes de curso superior completo, perfazendo, assim, oito informantes, somados aos quatro que têm apenas o ensino básico. Por isso, no ALiPE, a carta 11 traz as ocorrências cartografadas no ponto 20 – Recife, dispostas numa cruz dupla, em que a cruz superior apresenta os dados de informantes com o ensino básico completo e, na parte inferior da cruz, os dados dos quatro informantes com curso superior. Nesse sentido, a predominância da variante com a vogal média posterior fechada na posição pretônica aponta que o grau de instrução delimita a variante conservadora e inibe a variante inovadora.

Conclusão

O trabalho realizado apresentou uma reflexão acerca da variação fonética, priorizando os fenômenos relativos às vogais pretônicas no falar pernambucano, cujo *corpus* advém do atlas linguístico estadual, construído por Sá (2013).

A partir de uma pesquisa realizada em vinte municípios demarcados pelos quatro cantos do Estado a informantes equitativamente escolhidos quanto ao sexo, à faixa etária e à escolaridade, aos quais foram proferidas perguntas para averiguação da pronúncia da vogal pretônica anterior das palavras *t/e/soura*, *trav/e/sseiro*, *f/e/cha*, *c/e/bola*, *d/e/svio*, *m/e/ntira*, *f/e/rida*, *d/e/smaio*, *p/e/rfume* e */e/squerdo* e da pronúncia da vogal pretônica



posterior das palavras *g/o/rdura*, *c/o/lher*, *t/o/mate*, *b/o/tar*, */o/relha*, */o/velha*, *b/o/rracha*, *d/o/rmindo* e *ass/o/bio*.

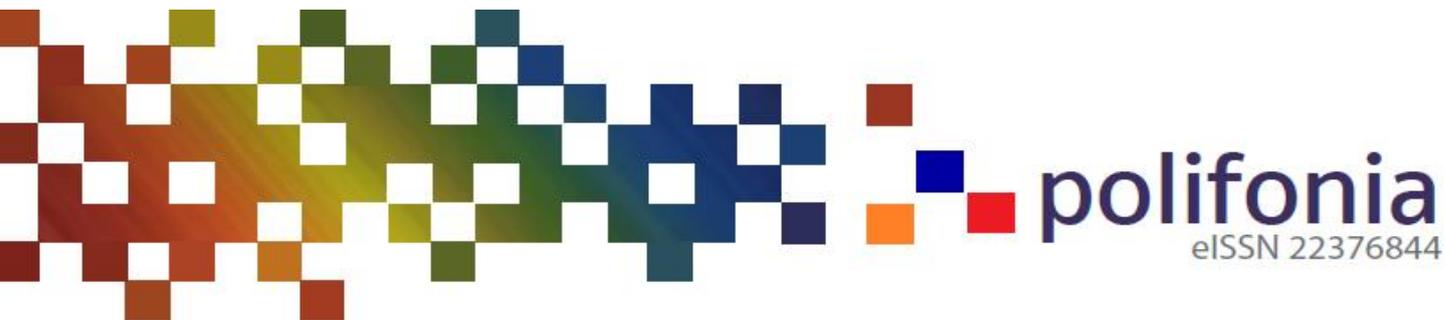
Os resultados apontaram uma predominância ao alteamento da vogal média em posição pretônica, independente da zona em que se articulam na palavra pronunciada espontaneamente, confirmando a marca nordestina já delimitada em Nascentes (1953), que defendia a existência de um dialeto do Norte, mas com um sub-falar nordestino, em oposição ao dialeto do Sul. Porém, restrições linguísticas têm considerável influência nesse comportamento. O ditongo tônico, por exemplo, tende a favorecer a altura da vogal pretônica anterior, enquanto, no caso da pretônica posterior, comungando das pesquisas de Silva (1992), quanto mais alto o timbre da vogal tônica, mais elevada se torna a vogal que antecede.

As consoantes labiais e alveolares quando precederem a vogal média anterior /e/ têm considerável influência no alteamento, mas, no caso da vogal média posterior /o/, esse comportamento está condicionado à precedência de consoantes dentais ou da ausência de segmento consonantal.

Já no caso da influência do segmento consonantal que sucede a vogal pretônica, as labiais têm papel atuante no alteamento independente da zona de articulação, como atesta Bisol (1981). Porém, as alveolares atingiram a maior probabilidade de contribuir com esse comportamento, no caso da pretônica posterior, pois, a anterior atua no mesmo contexto quando antecede as vibrantes.

Conforme verificado na figura 2, os quatro informantes com curso superior completo preferiram a variante conservadora, enquanto a variante inovadora se distribui em toda a extensão do interior do Estado.

Assim, do ponto de vista das dimensões não linguísticas, os dados contrariam pesquisas anteriores quanto à influência do sexo, pois, em Pernambuco, os homens são menos conservadores que as mulheres, mas em relação à faixa etária, os mais jovens são



inovadores na pronúncia da vogal pretônica anterior e conservadores na pronúncia da vogal pretônica posterior.

Referências

ALMEIDA, B. K. M et al. O alteamento da vogal /E/ pretônica no falar culto de Fortaleza–CE sob a perspectiva variacionista. *Revista Signótica*, Goiânia, v. 30, n. 4, p. 574-595, out./dez. 2018.

ALMEIDA, Edilene Oliveira. **Atlas linguístico da mata sul de Pernambuco (ALMASPE)**. Dissertação de Mestrado em Letras. UFPB, João Pessoa, 2009.

ALVES, Marlúcia. O comportamento fonológico das vogais médias em posição pretônica no dialeto de Belo Horizonte. *Estudos da Linguagem*. São Paulo: 37(1): 21-29, 2008.

AMORIM, Gustavo da Silveira. **O comportamento do /e/ e do /o/ pretônicos**: um estudo variacionista de língua falada culta do Recife. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

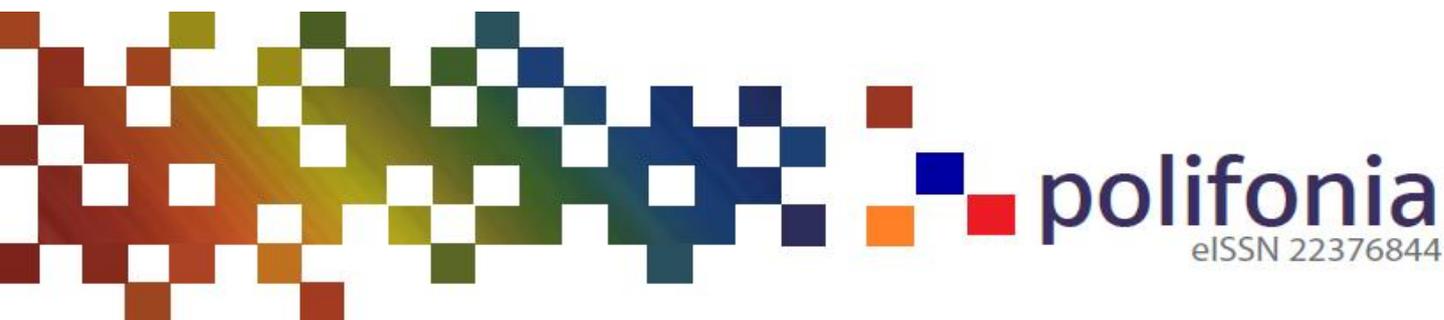
ARAGÃO, Maria do Socorro. As vogais pretônicas no falar nordestino: os dados do ALiB. *VI Congresso Internacional da ABRALIN. Anais*. João Pessoa, PB: Idéia – Editora, 2009.

BATTISTI, Elisa; VIEIRA, M. J. Blaskovski. O sistema vocálico do português. In: BISOL, Leda (org). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 159-194, 2001

BISOL, Leda. **Harmonia vocálica**: uma regra variável. Tese de Doutorado em Letras. UFRJ: Rio de Janeiro, 1981.

_____. Neutralização das átonas. *DELTA*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 267-276, 2003.

BRANDÃO, Sílvia; CRUZ, Maria Luíza. Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALiSPA. In: AGUILERA, Vanderci. (org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguídas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005.



CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. As vogais pretônicas no falar carioca. *Estudos lingüísticos e literários* (5). Salvador: UFBA, 1986.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007 [1970].

CARDOSO, Suzana et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: EDUEL, 2014

CARDOSO, Suzana. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CARNEIRO, Dayana; MAGALHÃES, José. O sistema vocálico pretônico nas zonas rural e urbana do município de Araguari. XIX Congresso Interno de Iniciação Científica da UNICAMP. Anais. UNICAMP. 2009

CÉLIA, G. F. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

COSERIU, Eugene. **Introducción a la lingüística**. Madrid, Gredos, 1986.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. São Paulo: Livraria Academica, 1970.

ELIZAINCÍN, Adolfo; THUN, Harald. **Atlas diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)**, I, 1-2, Kiel: Westensee-Verlag, 2000.

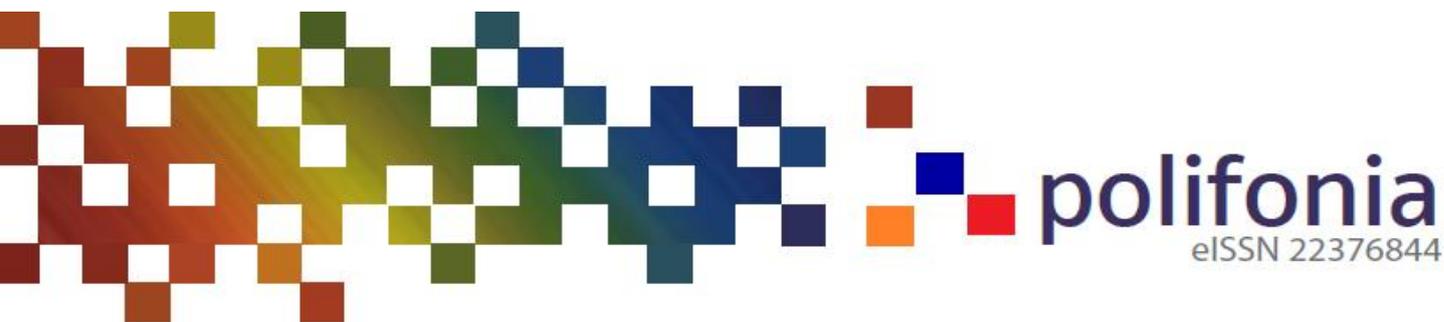
FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Joseane Cavalcanti. **Atlas linguístico de Buíque (ALIBui)**. Monografia de Especialização em Língua Portuguesa. Petrolina: UPE, 2011.

FREITAS, S. **As vogais médias pretônicas faladas na cidade de Bragança**. Dissertação de Mestrado em Letras. Belém: UFPA, 2001.

GRAEBIN, Geruza de S. **A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas**. Dissertação de Mestrado em Letras. Brasília: UNB, 2008.

KLUNCK, P. **Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente**. Dissertação de Mestrado em Letras. PUC-RS: Porto Alegre, 2007.



LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. **Modelos Sociolingüísticos**. Madrid: Ediciones Cátedra. 1983. Traducción de José Miguel Herreras.

LEITE, Y. F.; CALLOU, D. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MAIA, Vera Lúcia M. Vogais pretônicas médias na fala de Natal. *Estudos lingüísticos e Literários* (5). Salvador: UFBA, 1986.

MARCHI, Fernanda de; STEIN, Rita de Cássia G. Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente em Curitiba – PR. *Cadernos de pesquisas em Linguística*. Vol.3, n.1. Porto Alegre: EDIPUCRS.p.127-137, 2007.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MEILLET, Antoine. Bull. de la Soc. de Ling. de Paris, t. XXX, 1929. In: POP, Server. **Aperçu historique sur le développement de la dialectologie**. Vols.1. Louvain : Chez l'auteur. Gembloux, 1950.

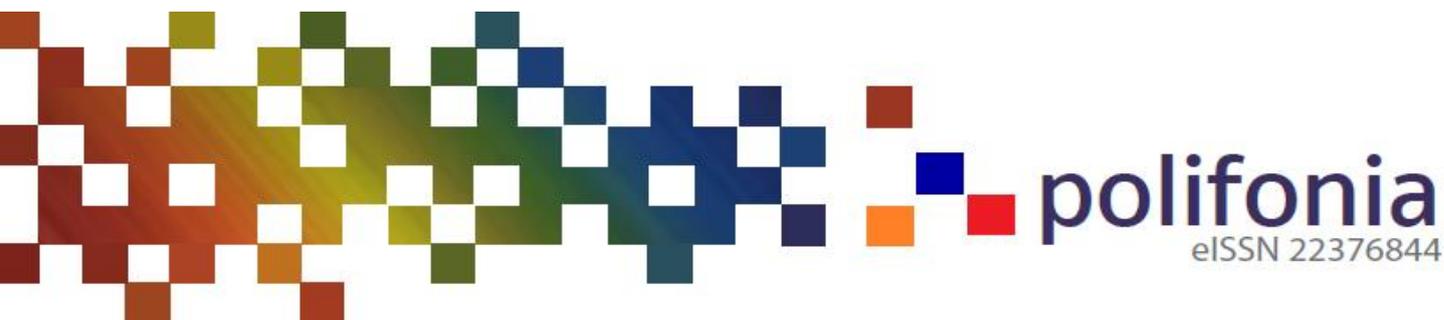
NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro; ARAÚJO, Marinalva dos Prazeres. As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no português falado no município de Cameté – PA: A harmonização vocálica numa abordagem variacionista. *Caderno de pesquisas em Linguística*. Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 104-126, 2007.

RUMEU, Maria Cristina de Brito. Uma breve incursão pela fala culta recifense: vogais médias pretônicas à luz da sociolinguística. *Caligrama*. Revista de Estudos Românicos, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 7–30, 2012.

SÁ, Edmilson José de et al. **Atlas linguístico bidimensional do Sertão do Pajeú Pernambucano**. Monografia de Especialização em Língua Portuguesa. Arcoverde: CESA, 2018.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. Tese de Doutorado em Letras. João Pessoa: UFPB, 2013.



SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows.2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em 20/07/2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix. 1986.

SILVA, Franciedson. **Atlas Linguístico da Pedra. Monografia de Especialização em Língua Portuguesa**. Arcoverde: CESA, 2018.

SILVA, Myriam Barbosa da. Breve notícia sobre as vogais pretônicas na variedade culta de Salvador. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 14, p. 69-77, 1992

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

TENANI, Luciani; SILVEIRA, Ana A. Menegasso da. O alçamento das vogais médias na variedade culta do noroeste paulista. *ALFA*, São Paulo, v. 52, n. 2. p. 447-464, 2008.

THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFINO, G. (Org.). **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza**. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo. **Atlas diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)**, I, 1-2, Kiel: Westensee-Verlag, 2000.

VIANA, Vanessa Faria. **As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística**. Dissertação de Mestrado em Letras. Pontifícia Católica de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2008.

WEINREICH, Uriel. Is a structural dialectology possible? *Word*, v.10,n.4, New York: Linguistic Circle of New York. 1954.pp.388-400.